

# A mi me encantan las metáforas!

---

MAÍRA SPANGHERO

**Metáforas da vida cotidiana** de George Lakoff e Mark Johnson (coordenação da tradução Mara Sophia Zanotto). Campinas, SP: Mercado de Letras. São Paulo: Educ, 2002, 360 pp.

**Resumo** A tese central da teoria conceptual da metáfora, que o lingüista George Lakoff e o filósofo Mark Johnson defendem em *Metáforas da vida cotidiana*, é a de que as metáforas, ao contrário do que em grande parte tem-se publicado a respeito, fazem parte da linguagem cotidiana, têm valor cognitivo, estatuto epistemológico e são essenciais ao nosso processo de conceptualização do mundo.

**Palavras-chave** metáfora, sistema conceptual humano, pensamento, cognição

**Abstract** The principal thesis of the conceptual theory of metaphor, defended by the linguist George Lakoff and the philosopher Mark Johnson in their *Metaphors we live by*, is: metaphors are in our everyday speech, have cognitive value, epistemological status and are essential in our process of conceptualization of experience.

**Key words** metaphor, human conceptual system, thinking, cognition

"Idéias são recursos"; "Teorias são construções"; "Amor é viagem" – essas são algumas das metáforas que George Lakoff e Mark Johnson analisam em seu livro *Metáforas da vida cotidiana*, recente edição brasileira da Educ e Mercado de Letras. É mais que bem-vinda a chegada de uma obra pioneira, que já se tornou clássica 22 anos após sua primeira publicação, em 1980, nos EUA. *Metáforas da vida cotidiana* recebe este título por iniciativa do Grupo de Estudos da Indeterminação e Metáfora (GEIM), de Campinas (SP), que se responsabilizou pela escolha e pela tradução da obra, sob coordenação de Mara Sophia Zanotto. Embora esta não seja a obra mais atual da dupla de autores, ela afirma-se como o ponto de partida para a pesquisa que continua inovadora. Fundamental tanto para os estudiosos da lingüística, da psicologia, das ciências humanas em geral, onde ela tem tido grande aceitação, como para os investigadores em semiótica, comunicação, ciências cognitivas, filosofia e de uma área em consolidação que reúne os pesquisadores, professores e artistas interessados nos estudos do corpo como mídia. Aliás, fica claro o quanto um estreitamento entre estes campos daria origem a metáforas novas e transformadoras, já ressoando a proposta dos autores. A tese central da teoria conceptual da metáfora, que Lakoff e Johnson defendem neste livro, é a de que as metáforas, ao contrário do que a maioria das pessoas pensa, fazem parte da linguagem cotidiana, têm valor cognitivo, estatuto epistemológico e são essenciais ao nosso processo de conceptualizar<sup>1</sup> o mundo.

Uma bela ilustração disso é o filme de Michael Radford, lançado no Brasil como *O carteiro e o poeta (Il Postino)*. Livre adaptação da obra literária *Ardiente paciência (El cartero, de Neruda)*, de Antonio Skármeta, a película conta a seguinte ficção. O poeta Pablo Neruda, proibido de retornar ao seu país de origem, o Chile, foi acolhido pela comunidade da Ilha de Capri, na Itália. Mario Ruoppolo, nativo e filho de pescador, estava desempregado até o escritor mudar-se para lá, numa casa no alto da montanha. Mario tornou-se, então, carteiro de um só destinatário: ganhava pouco dinheiro, mas seria o *postino* oficial de Pablo Neruda, o poeta do povo! Mario, que sabia ler e escrever, vê nele e na poesia um modo de deixar as mulheres apaixonadas. No decorrer das entregas, tornam-se amigos. Num dos encontros, Mario vai visitar Pablo, totalmente fora de hora. Dizia ser muito importante. Pablo aguarda que ele diga do que se trata, ao que o carteiro fala embargado: "*Eu me apaixonei*". Pablo não dá muita bola e responde: "*Nada muito sério. Para isso tem remédio*". "*Não, remédio não!!!*", afirma Mário. "*Não quero remédio, quero*

1 Apesar da tradução ter optado pelo vocábulo *conceptualizar*, o seu significado é o mesmo de conceituar ou criar conceitos.

*ficar doente. Estou apaixonado de verdade! Estou loucamente apaixonado!.* Tomado pela emoção, Mario se expressa e seus enunciados nos dão pistas de como ele se sente e como ele compreende aquilo que sente. Tem certeza que é verdadeiro, que está apaixonado e estar apaixonado tem um estado próximo ao de estar doente, algo como "paixão é doença". Mario está na posição de um paciente que sofre uma ação mágica. Isso remete a uma outra metáfora, a "amor é um paciente" (p. 114). Ele está doente e não quer se curar: quer se casar com Beatrice Russo. As metáforas que Mario usa indicam o seu modo de pensar, de compreender, abstrair, criar conceitos, construir verdades e agir no mundo.

De acordo com a proposta de Lakoff e Johnson,

os conceitos que governam nosso pensamento não são meras questões de intelecto. Eles governam também a nossa atividade cotidiana até nos detalhes mais triviais. Eles estruturam o que percebemos, a maneira como nos comportamos no mundo e o modo como nos relacionamos com outras pessoas. Tal sistema conceptual desempenha, portanto, um papel central na definição de nossa realidade cotidiana. Se estivermos certos, ao sugerir que esse sistema conceptual é em grande parte metafórico, então o modo como pensamos o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora (p.46).

Em outra passagem do filme, Mario e Pablo estão na areia da praia, sentados lado a lado. O poeta recita um poema que fala do mar. Mario fica enjoado só de ouvir o ritmo das palavras, que iam de um lado para o outro. Como o barulho-balanço do mar. Diz: "*Me senti sacudido pelas palavras!*". "*Sabe o que você acabou de fazer, Mario?*", pergunta-lhe Pablo. "*Não, o quê?*". "*Uma metáfora!*". Ao que indaga: "*Então, o mundo todo é uma metáfora de uma outra coisa?*".

Trocando em miúdos, as metáforas estão presentes no nosso dia a dia e são reveladoras. Podem ser modos de conhecer. Tudo isso não pareceria tão óbvio se estivéssemos pensando em termos de uma linha tradicional em que a metáfora não pertence à linguagem comum e sim, a um ramo especial. Ao contrário disso, Lakoff e Johnson descobriram que a metáfora está infiltrada em nossa vida como uma espécie de agente inteligente coerente, sistemático e de ação parcial. Segundo os autores, "*nosso sistema conceptual ordinário é fundamentalmente metafórico por natureza*" (p. 45). A metáfora é, pois, uma operação cognitiva fundamental que consiste em "*compreender e experienciar uma coisa em termos de outra*" (p.48). Quando digo "*aquele homem é um leão*", estou anunciando que ele é tão forte, corajoso e agressivo como um leão.

A fim de desafiar o pressuposto primeiro de que a metáfora seja apenas uma questão de ornamento lingüístico e entender o procedimento dos autores, tome-

mos emprestado do livro o conceito "discussão" e a metáfora conceptual "discussão é guerra" (p.46). Essa metáfora está presente num grande número de enunciados:

Seus argumentos são "indefensáveis".  
 Suas críticas foram "direto ao alvo".  
 Jamais "ganhei" uma discussão com ele.  
 Se você usar essa estratégia, ele vai "esmagá-lo".  
 Ele atacou os "pontos fracos" da minha argumentação.

Essas expressões denunciam o modo como entendemos o que seja uma discussão e como agimos durante embates. Tal qual uma guerra, uma discussão é algo em que podemos perder ou ganhar. Uma batalha verbal segue uma estrutura similar: ataque, contra-ataque, defesa, recuo, trégua etc. Muito sabiamente, Lakoff e Johnson sugerem que imaginemos uma cultura em que uma discussão fosse vista como uma dança,

em que os participantes sejam vistos como dançarinos e em que o objetivo seja realizar uma dança de um modo equilibrado e esteticamente agradável. Nessa cultura, as pessoas perceberiam as discussões de uma outra maneira, experienciariam as discussões diferentemente, teriam desempenhos diversos e falariam delas de um modo diferente (p. 47) (...) As metáforas podem criar realidades para nós, especialmente realidades sociais. Uma metáfora pode assim ser um guia para ações futuras. Essas ações, é claro, irão adequar-se à metáfora. Isso, por sua vez, reforçará o poder da metáfora de tornar a experiência coerente. Nesse sentido, as metáforas podem ser profecias auto-suficientes. (p.257)

No contexto dos estudos sobre a metáfora, os autores de *Metáforas da vida cotidiana* avançaram o caminho aberto por M. Reddy (1979), que analisou rigorosamente, no ensaio *The conduit metaphor*, uma série de enunciados lingüísticos e afastou a idéia da metáfora como apenas um dos fenômenos das linguagens especiais. Porém, a metáfora do canal, como foi traduzida para o português, só funciona em situações em que as diferenças contextuais seriam irrelevantes. Com inúmeros exemplos, Lakoff e Johnson explicam e evidenciam a sistematicidade dos conceitos metafóricos (por exemplo, "tempo é dinheiro"; "tempo é um recurso limitado"; "tempo é um bem valioso"), que formam um único sistema baseado em subcategorizações. Dessa forma, um conceito metafórico permite focalizar um aspecto determinado de um conceito e pode também encobrir outros aspectos desse mesmo conceito.

Como o livro recorre a uma extensa análise de metáforas, seus autores conseguiram encontrar similaridades e agrupá-las. As metáforas orientacionais, diferen-

temente das estruturais, ontológicas e imaginativas ou poéticas, organizam "um sistema de conceitos em relação a um outro" (p.59). Essas metáforas não são arbitrárias e a contribuição que Lakoff e Johnson deram ao estudá-las foi justamente demonstrar que são baseadas na experiência física e cultural que temos. A maioria delas tem a ver com as noções de espaço, a saber, relações do tipo para cima – para baixo, dentro – fora, frente – trás, central – periférico. "As metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação espacial, como feliz é para cima" (p.59), explicam os autores. O que vale destacar aqui, e que servirá para fundamentar a idéia do mito experiencialista proposta pelos especialistas, como veremos, é que as metáforas de espacialização têm base experiencial física e cultural (podendo, portanto, variar de cultura para cultura), apresentam sistematicidade interna e externa, embasamento e coerência. De fato, demonstram os dois estudiosos, "nenhuma metáfora pode ser compreendida ou até mesmo representada de forma adequada, independentemente de sua base experiencial".

Não só esse ponto, como em tantos outros, a impressão que fica é a de que a teoria geral dos sistemas, especialmente a formulada por Mario Bunge, poderia dialogar com essa visão oferecida pelos autores, ainda que sua fundação seja essencialmente matemática. As propriedades e os parâmetros sistêmicos ali cairiam como uma luva, especialmente para elucidar questões relativas à complexidade, coerência, coesão, conectividade, entre outras. A conectividade, que é um parâmetro evolutivo, revela a "capacidade que os elementos de um agregado têm em estabelecer relações ou conexões" (Vieira 2000: 17). Essas relações podem ser coesas (fortes), o que nos permite pensar na coesão entre metáforas equivalentes (as subcategorias) ou mesmo em outros níveis de análise. Essa é apenas uma breve ilustração de como campos de conhecimento distintos poderiam germinar entendimentos outrora impensados. Aliás, cabe ressaltar uma característica que traz muito vigor à pesquisa de *Metáforas da vida cotidiana* e a que se seguiu, resultando no *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought* (2000)<sup>2</sup>, o mais recente livro da dupla, deriva do fato que seus autores vêm de áreas diferentes: Lakoff é lingüista, e Johnson é filósofo.

Outro aspecto importante é a declaração de que os conceitos científicos são freqüentemente ancorados em metáforas de base física e/ou cultural. Isso põe em xeque a inadequação de certas afirmações, que infelizmente ainda reinam, segundo as quais a linguagem objetiva e literal é a mais apropriada para a ciência. Na visão tradicional, a metáfora é concebida como um ornamento lingüístico, uma fi-

2 Resenhado por João Queirós em *Galáxia* 1, 2001.

gura ou um desvio da linguagem. Serviria mais à poesia e à literatura do que à linguagem científica. De acordo com esta tradição, razão e linguagem literal pertencem ao domínio da ciência enquanto imaginação e metáfora caberiam mais para a literatura ou poesia.

Existe uma bibliografia enorme no campo da metáfora. Dentre inúmeras outras, a teoria da metáfora conceptual de Lakoff e Johnson se destaca devido ao forte poder explicativo que apresenta e à reformulação que faz ao propor novas maneiras de conceber a compreensão, a verdade, o sentido, a objetividade e, lógico, a própria metáfora. (Não é à toa que a pesquisa vai desembocar num *Philosophy in the flesh*, onde a relação mente e corpo ganha relevante discussão, quando os autores consideram que o pensamento racional é essencialmente metafórico e baseado em ações sensório-motoras.) Com isso, tanto o enfoque objetivista da metáfora, que dominou a cultura ocidental, quanto a perspectiva subjetivista, que veio se opor a esta, escorre água abaixo.

Lakoff e Johnson fundamentam aquilo que chamam de mito experiencialista. Apesar de alguns conceitos que sustentam os pilares desse pensamento precisarem de alguns ajustes, principalmente quando olhamos do ponto de vista sistêmico e evolutivo, e ainda quando notamos a ausência de referências à semiótica, o empreendimento segue firme. Se a preocupação central do mito do objetivismo é com o entorno, ou seja, o mundo externo ao indivíduo, e o enfoque subjetivista, mesmo não sendo completamente independente da realidade, recai para o interior, o sentido para uma pessoa, a proposta experiencialista aparece como uma nova alternativa. Preserva um certo ideal de imparcialidade almejado pelo objetivismo e não crê em verdades absolutas. Para os experiencialistas, "*a verdade é sempre relativa à compreensão, que se baseia num sistema conceptual não-universal (...); ser objetivo é sempre relativo a um sistema conceptual e a um conjunto de valores culturais*" (p. 344).

A ênfase da teoria conceptual da metáfora na interação e nas propriedades interacionais, concorda que "*a construção de coerência, via gestalts experienciais fornece uma explicação do que significa uma coisa ser significativa para um indivíduo*" (p. 345). A diferença básica do mito experiencialista do mito subjetivista está na idéia de que a imaginação seja livre de restrição. Os conceitos individuais não são definidos isoladamente. São abertos.

O mito experiencialista considera o homem como parte do meio, não separado dele, e focaliza a constante interação do homem com o ambiente físico e com as outras pessoas. Vê essa interação com o meio envolvendo a transformação mútua. Ninguém pode agir no meio sem transformá-lo ou sem ser transformado por ele. (p.348)

Pode até não parecer, mas metáfora tem a ver com política, experiência estética, comunicação, autocompreensão e ritual. *Metáforas da vida cotidiana* é desses livros que incitam o leitor a fazer conexões com outros conhecimentos e visualizar a necessidade de mais trocas entre áreas de saber, ainda tão isoladas. As idéias de Lakoff e Johnson engrossam o coro de muitos outros estudiosos, como o do neurologista António Damásio – o *Erro de descartes* (1996) e *O mistério da consciência* (2000) são dedicados a esta discussão –, que não medem esforços para demonstrar como não existem processos racionais sem emoção e de que maneira a consciência trabalha na conexão corpo e mente. Vêm também para reforçar que o prazo de validade para estas velhas dicotomias está mais do que vencido.

## REFERÊNCIA

VIEIRA, J. A. (2000). "Organização e sistemas". *Informática na Educação: Teoria e Prática*, vol.3, n.1: 11-24. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, UFRGS.

MAÍRA SPANGHERO é curadora do projeto *Corpos q Falam*, membro do Centro de Estudos do Corpo e doutoranda no PEPG em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, onde pesquisa o corpo como mídia. Autora de *A dança dos encéfalos acesos* (no prelo).  
vira-do-avesso@uol.com.br

*Resenha agendada em novembro de 2002 e  
aprovada em janeiro de 2003.*